



UM ABOLICIONISTA MARGINAL NA LITERATURA BRASILEIRA: IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE EM BARBOSA DE FREITAS

Valéria Zanetti¹
Cristiano Isaac Joukhadar²

RESUMO

Esse artigo é um estudo microtemporal do movimento abolicionista cearense, utilizando como objeto de análise documental primária o livro intitulado *Barbosa de Freitas Poesias*, que contém a poesia *Angústias*, objeto de discussão desse trabalho. Junto ao movimento abolicionista dos juristas Luiz Gama, André Rebouças e Joaquim Nabuco, o poeta Antônio Barbosa de Freitas foi voz ativa do movimento por meio de suas poesias. Esse literário cearense que viveu de 1860 a 1883, de origem humilde denunciou as experiências das classes reprimidas pela escravidão. A pesquisa, de caráter exploratório reflexiva, utilizou-se da análise das obras literárias do poeta, de pesquisa documental sobre a biografia do escritor e dos contextos históricos nacional e regional cearense. O estudo levantou mais questionamentos do que respostas conclusivas, uma vez que são poucas as informações a respeito de Barbosa de Freitas. Nesse sentido, o artigo visa contribuir para o debate sobre a representatividade do poeta cearense no movimento abolicionista, questão que demanda novas pesquisas e reflexões.

Palavras-chave: Movimento Abolicionista, Antônio Barbosa de Freitas, Ceará, Escravidão, Literatura.

Abstract

This paper is a Ceara's abolitionist movement *micro temporal* study, using as the object of primary documental analysis the book entitled *Barbosa de Freitas Poesias*, which has the poetry "Angústias" that will be discussed in this paperwork. Along with the jurists Luiz Gama, André Rebouças, and Joaquim Nabuco's abolitionist movement, the poet Antônio Barbosa de Freitas was an active voice of this movement through his poetry. This literary man that lived between 1860 and 1883, with humble beginnings, denounced the experiences of the

¹ Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP, professora de História da Faculdade de Educação e do Programa de Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba vzanetti@univap.br;

² Graduando do Curso de História da Universidade do Vale do Paraíba - SP, isaacjou@outlook.com.

repressed classes during slavery. The exploratory reflexive research uses the poet's literary work, the documentary research about the author's biography, and Ceará's regional and historical contexts. The study raises more questions than conclusive answers since there is a lack of information about Barbosa de Freitas. In these terms, the paper aims for a debate contribution about the poet's representativeness in the abolitionist movement, an issue that needs new researches and reflections.

Keywords: abolitionist movement, Antônio Barbosa de Freitas, Ceará, Slavery

INTRODUÇÃO

Angústias

*Tenho frio, senhora! é alta noite.
– Da rajada suporto o rijo açoite,
Abri-me a tenda, abri!
Sou cativa em lúcido momento,
A grillheta deixei o meu tormento,
Do meu algoz fugi.*

*Abri, Senhora, abri! ouço na estrada,
De meu Senhor a tropa exasperada
Que me busca! Cruéis!
São meus irmãos, misérrimos traidores,
Que do instrumento horrível nos horrores,
Fabricam suas leis!*

*O azorrague, o poste da senzala,
Na anca dos corcéis, ouço a estala,
E a prega a reboar!...
Abri, Senhora, abri-me o vosso ninho,
Deixai que oculte o meu pobre filhinho
N`um canto d`este lar!*

*Maravilha celeste! a choça escura
De repente clareia, e a criatura
No imo penetrou:
Pousa n`um canto o fardo inocentinho,
Enquanto o anjo, em tímido carinho,
Risonho, assim falou:*

*– Descansa, sim, descansa! o teu martírio
Fez-me o pranto verter no próprio império,
Eu vi tua aflição!
Descansa; é tempo! em breve a humanidade
Imolará no altar da liberdade,
O algoz – a escravidão.*

*Sei que muito pedeces! No meu seio
Meu pobre coração baloiça cheio
De pena, luto e dor.
Descansa, sim, descansa da fadiga
Eu sou a Liberdade, a tua amiga,
Eu sou a lei do amor!*

A poesia acima foi escrita por Antônio Barbosa de Freitas no ano de 1882, cerca de dois anos antes da abolição da escravidão no Ceará e seis anos antes da abolição no Brasil. À primeira vista, o texto poético descreve, em primeira pessoa, o sofrimento de uma escrava, fugitiva que, junto ao seu filho, sonha com a liberdade. Essa poesia foi publicada no livro titulado de *Poesias*, a segunda edição, de janeiro de 2004, que possui setenta e duas poesias, todas de autoria do mesmo poeta, as quais foram organizadas por Sânzio de Azevedo. A primeira edição do livro foi publicada em 1892, postuma a morte de Freitas em 1883. A leitura das demais poesias sobre o tema nos remete a um profundo e expressivo sofrimento de quem vivenciou a escravidão.

As poesias de Barbosa Freitas podem ser entendidas como um posicionamento do autor frente à escravidão, em defesa da abolição e do segmento que sofreu os horrores desse sistema extra-econômico, alinhando o literário ao movimento abolicionista brasileiro. Para Halbwachs (1990), nunca é tarde para resignificar as lembranças dos grupos sociais, pois eles

permanecem unidos por suas essências, mesmo com as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Nascido no município de Jardim no Cariri, filho bastardo, como foi evidenciado por Lima (2020), responsável por catalogar documentos primários acerca dos fatos biográficos do escritor. Barbosa de Freitas, nascido no Sítio Cotovelo, foi registrado apenas com o nome da mãe, Maria Barbosa da Silva, solteira e nascida, assim como seus pais, no sítio Lameirão. Pouco sabe-se sobre a mãe do poeta, considerado esquecido por autores como Azevedo (2004). Pesquisou-se para elaboração desse artigo acervos históricos disponíveis online, documentos catalogados e não catalogados, e outros trabalhos científicos, sobre quem foi Maria Barbosa da Silva, mas não se encontrou nenhum fato além dos disponibilizados por Lima (2020). Provavelmente, sua vida e seu cotidiano foram retratados nas poesias de seu filho, o que exige uma investigação histórica mais aprofundada com cruzamentos de fontes.

Partindo da análise dos tais Sítios, onde nasceram Freitas e sua mãe na região do Cariri, Cortez (2008) esclarece tratar-se de propriedades rurais com caráter escravocrata. Nesses sítios, trabalhadores livres e escravizados trabalhavam lado a lado sob quase as mesmas condições, apesar dos status diferenciados nas complexas formas de relações sociais e de trabalho servil, formando uma rede social inter-relacionada inclusive com os escravocratas nestas propriedades.

Gerou-se, da misigenação entre brancos; negros e indígenas, os respectivos termos de diferenciação da população usados na época: cabras, caboclos, negros e mulatos. Na metade do século XIX, a mestiçagem já era característica física da maior parte dos trabalhadores livres ou escravizados do Cariri (CORTEZ, 2008).

João Ribeiro Ramos (1983) descreve o seguinte trecho que nos aproxima da alma do poeta:

Era Barbosa de Freitas, se assim posso dizer, o Castro Alves cearense, puro de cabeça-chata, ignorante, mas sublime.
Amante da liberdade, inimigo declarado da opressão e da tirania, formou ao lado daqueles notáveis brasileiros que no Ceará se alinharam ao Movimento Abolicionista, e cujos nomes propositalmente deixo de citar neste desprezencioso trabalho porque todos eles estão gravados nas paredes solidas de vossos próprios corações bem formados (RAMOS, 1983, p. 88).

As poesias de Barbosa Freitas possuem valor histórico, não apenas como um documento de investigação, mas também, por possuir grande qualidade dramática, “apesar de certas indisciplinas gramaticais pela falta de tempo e oportunidade de conhecer os clássicos” (RAMOS, 1983). O biógrafo Waldo Sousa (2006) se dedicou a pesquisar a vida e obra de Barbosa de Freitas. Segundo o autor, na Conferência *Ignorante Sublime* em 1945, o

mais admirável em Freitas e sua veia poética profunda, rara e inesgotável. A produção do poeta agrega grande valor à literatura brasileira, ao demonstrar a representatividade étnica e seus aspectos de resistência à escravidão e sua luta abolicionista.

No ano seguinte à publicação da poesia citada no início do trabalho, ou seja, em 1883, Freitas faleceu aos vinte e três anos, de tuberculose. Internado e enterrado como indigente como foi afirmado por Ramos (1983), a história do poeta marginal é apenas um recorte do que ocorria no país. Segundo Robert Conrad (1974), o nordeste brasileiro, desde a decadência da produção açucareira, na segunda metade do século XVIII, vivia uma crise estrutural. Milhares de pessoas famintas, desesperadas e, provavelmente, submetidas a diversas formas de trabalho compulsório, migravam para a capital em decorrência direta ou indireta dos eventos responsáveis pela crise dos engenhos e pelo lento processo histórico abolicionista no Ceará. Sem amparo, um grande contingente morreu por doenças ou pela fome. A crise generalizada oriunda da decadência da lavoura canavieira no nordeste, até aquele momento a grande importadora de mão de obra escrava, levantou questionamentos em relação à economia baseada na monocultura. As evidências históricas deixaram claro a determinados segmentos da região a inviabilidade do trabalho escravo, a necessidade de liberalização da força de trabalho e a necessidade de defesa da causa abolicionista (CONRAD, 1974).

De acordo com Robert Conrad (1974), a crise do Nordeste, evidente desde o século XVIII, impôs aos proprietários de escravos a venda de seu plantel para o Sudeste Cafeeiro como forma de capitalização, intimidando escravocratas nordestinos, por desestabilizar a população escrava da região e ameaçar o sistema escravocrata em todo Império. Porém, o Sudeste Cafeeiro pôs em prática políticas restritivas no comércio interprovincial de escravos em 1880, ao legislar, finalmente, a lei dos impostos proibitivos sobre os escravos vindos de outras províncias para São Paulo. No entanto, com a seca que durou de 1877 a 1880, os fazendeiros nordestinos perderam seus gados, plantações de algodão e sementes, restando apenas a comercialização de seus escravos. Com a escassez de alimentos como efeito direto da seca, o preço dos escravos ficaram cada vez mais baixos, tornando o regime de escravidão insustentável, fato que impulsionou movimentos responsáveis pela abolição, no Ceará, da escravidão em 1884 (CONRAD, 1974).

As poesias de Barbosa de Freitas retratam o período anterior a abolição no Ceará, quando o trabalho compulsório e as condições precárias de sobrevivência desfizeram fronteiras entre as classes reprimidas, levando-as a uma história comum, permeada de luta contra a sua coisificação do ser humano. Partilhando dos ideais de liberdade, os escravos

resistiram, cotidianamente, à sua condição de mercadoria, encontrando voz em alguns membros da sociedade nordestina. A abolição da escravatura pode ser apartada da visão que atribui aos segmentos hegemônicos o grande feito do processo abolicionista.

Pautado pela historiografia eurocêntrica, em que narrativas históricas possuem como foco de investigação as grandes estruturas políticas e econômicas do passado, a historiografia brasileira assevera o protagonismo do curso histórico do Brasil como obra de indivíduos influentes dos segmentos sociais hegemônicos. Apesar do esforço dos historiadores contemporâneos na busca pela desconstrução dessa narrativa, ela permanece disseminada entre a população leiga. A escassez de documentos gerados pelas minorias e a construção de uma história dos vencedores contribuem as narrativas dos segmentos dominantes.

O presente artigo leva em consideração as setenta e duas poesias do livro *Poesias*, com foco reflexivo na poesia supracitada. Utilizou-se também obras clássicas da historiografia brasileira sobre o abolicionismo no Ceará e no Brasil, além de outros documentos primários da época que revelaram aspectos do autor e do contexto de sua produção.

Apesar dos indícios, um dos grandes mistérios sobre o poeta, sua identidade étnica, permaneceu sem resposta. No entanto, Ramos (1983) assevera que, como todo cearense, é possível que Barbosa de Freitas tivesse características da mestiçagem nordestina.

METODOLOGIA

O artigo, de caráter microtemporal e reflexivo, baseado em análise histórica, insere-se no domínio da História Social, campo amplamente disseminado a partir da primeira geração da Escola dos Annales, na França, em 1929; e que tem inovado os métodos interdisciplinares pela terceira geração desse movimento.

O estudo valeu-se de fonte primária, baseada nas poesias de Barbosa de Freitas. Essas narrativas, com grande carga de conteúdos irrealis, permitem inúmeras respostas a questões postas pelo tempo da fala (SILVA, 2007). Sendo a literatura e a História saberes concretizados a partir da narrativa, Paul Ricoeur, segundo (SILVA, 2007) reitera a possibilidade da própria História ser quase fictícia, tendo em vista que sua narrativa é construída por alguém, comumente distante do contexto analisado.

O estudo também valeu-se de referências acerca do contexto brasileiro, especificamente, do Ceará no século XIX, sobre o movimento abolicionista. A obra de Halbwachs (1990) foi fundamental para a compreensão da memória coletiva e como, apesar de ser individual, traz marcas do grupo o qual o indivíduo pertence.

RESULTADOS

O estudo evidenciou a participação do poeta Barbosa de Freitas nas questões abolicionistas do Ceará. O poeta possui uma biografia bastante curiosa e cheia de mistérios. A escassez de informações sobre sua identidade étnica, nos conduz a diferentes reflexões sobre os seus poemas. A leitura empreendida nesse estudo lançou luz sobre a importância literária da obra marginal de Barbosa de Freitas e, sobretudo, de suas poesias como substratos da vivência de um poeta capaz de imprimir em seus versos a historicidade de um tempo e de determinados grupos, remetentes à luta contra a escravidão no Ceará.

DISCUSSÃO

Ignorante Sublime, o trabalho mais completo e conhecido sobre Barbosa de Freitas, foi realizado em 1944, pelo historiador José Waldo Ribeiro Ramos, sendo por ressaltar o valor artístico e representativo das poesias de Barbosa de Freitas. O termo que nomeia o trabalho de Ramos recebeu crítica de Moreira Campos (1976):

É admissível que o título da Conferência Ignorante Sublime, em que revive a personalidade poética de Barbosa de Freitas, tenha sido dado mais com o intuito de efeito, ou porque essa fora uma concepção, embora errônea, da época. Se Barbosa de Freitas realmente tem alguma coisa de sublime, nada tem de ignorante. Seu verso (para surpresa nossa, que não o conhecíamos), projeta-se, sem favor, dentro do mesmo vôo condoreiro de Castro Alves (de quem é evidente a influência), quando não é, aqui e ali, tocado da morbidez byroniana que inspirou o moço Álvares de Azevedo. Quanto à ignorância, diríamos que escreveu bem, neste ou noutro verso até reponta o sabor clássico. E que não repontasse! A arte está acima de contingências. Lendo-o, chegava-nos à memória, por identidades muitas (a vida peregrina que levou, a morte precoce aos 23 anos, o tom amargo dos últimos versos), aquela imagem bonita de Agripino Grieco em relação ao próprio Álvares de Azevedo: "Há na vida desse moço o mesmo destino dos antigos palimpsestos: raspada neles a canção báquica logo abaixo se encontra uma elegia" (CAMPOS, 1976, p. 255).

Segundo consta, Barbosa Freitas sofreu influência de Castro Alves e suas obras inspiraram Álvares de Azevedo. Sua literatura suprime o mesmo diferencial revolucionário atribuído por Dias (2010) a Castro Alves, de uma narrativa que não se confunde com demagogias caritativas de uma pessoa branca típica desse período, por estar carregada de caráter humanístico em relação ao negro e a favor da abolição.

Esses aspectos são visíveis quando se observa, nas poesias de Barbosa Freitas, a proximidade sentimental das vivências cotidianas negras do período, como nos versos da poesia *Angústias*, abertura do presente estudo:

Tenho frio, senhora! é alta noite. Da rajada suporte o rijo açoite,
Abri-me a tenda, abri!
Sou cativa em lúcido momento,

A grilheta deixei o meu tormento,
Do meu algoz fugi.
(...)
Abri, Senhora, abri-me o vosso ninho / Deixai que oculte o meu pobre filhinho /
N'um canto d'este lar!

Sugere-se tratar de uma mãe pedindo abrigo a alguém, após ter fugido do cativo com seu filho. É crível a hipótese da cena ter sido presenciada pelo poeta, tendo em vista o contexto de sua infância, quando ocorriam fugas em massa de escravos. Esses escondiam-se nas casas de indivíduos livres, apoiadores da causa, situação comum na década de 1860 em virtude do aumento do apoio da população livre à causa abolicionista (GORENDER, 1990). Reitero a idade do poeta, aproximadamente 11 anos, quando foi aprovada a lei Rio Branco ou Lei do Ventre Livre (1871), cuja promessa era libertar os filhos de escravos.

Para compreender as poesias de Barbosa de Freitas, é preciso entender os contextos históricos do Ceará e de Fortaleza. A capital cearense ganhou importância nos cenários políticos nacionais e internacionais, após o declínio da principal atividade econômica da província – a pecuária –, com a conquista da autonomia em 1799, que viabilizou o comércio diretamente com Lisboa (LIMA, 2014). Em 1808, com a abertura dos portos, o comércio estendeu-se às nações amigas, em especial à Inglaterra e, em 1809, Fortaleza fez sua primeira exportação de algodão, atividade substitutiva à pecuária. Segundo Lima (2014), o fluxo comercial da capital com o exterior contribuiu para a circulação das ideias libertárias já comuns na Europa. Lima (2014) explica o alinhamento entre as circunstâncias e as mudanças sociais, impulsionadas pelas relações capitalistas, promovidas pela segunda Revolução Industrial, na Inglaterra no final do século XVIII, como fator que viabilizou a capital Fortaleza o desenvolvimento de uma produção expressiva de produtos manufaturados. Destaca-se o fluxo prioritário do tráfico negreiro brasileiro para o Sudeste Cafeeiro como fator influenciador a produção manufatureira. De acordo com Gorender (1990), parte da elite a favor da abolição apoiava a causa em virtude da mudança no cenário econômico da província.

A imprensa, nesse contexto, é importante para a compreensão dos ideais de Freitas, após perda do monopólio das tipografias pela Família Real Portuguesa em 1822 (Lima, 2014). Os prelos chegaram oficialmente ao Ceará por volta de 1823 e 1824. Lima (2014) explica que, a partir de 1823, a imprensa em Fortaleza apresentou enorme crescimento, tornando-se referência no setor produtivo, além de incentivar o consumo por meio das propagandas. A tipografia trouxe também muitos aspectos positivos para a capital, entre eles: aumento da

alfabetização, circulação das ideias conservadoras e liberais e a disseminação da literatura para a população, tornando o seu consumo mais democrático (LIMA, 2014).

Nessa conjuntura provincial de desenvolvimento da imprensa, da literatura, da causa abolicionista e da circulação de ideias libertárias, viveu Barbosa de Freitas. Esses aspectos foram marcantes na vida e na obra do poeta, entre os anos de 1876 a 1882. O cenário marcou-se também pelo ingresso de negros no aparelho jurídico, processo lentificado há décadas, evidenciado na década de 1870, como fator relevante capaz de fortalecer a luta abolicionista, tendo em vista o esforço dos juristas para cumprir as leis que concediam direito aos escravos (GORENDER, 1990). A estrofe da poesia mencionada, no início do artigo, revela exatamente esse cenário:

Abri, Senhora, abri! ouço na estrada,
De meu Senhor a tropa exasperada
Que me busca! Cruéis!
São meus irmãos, misérrimos traidores,
Que do instrumento horrível nos horrores,
Fabricam suas leis!

O sentimento de imensa indignação dos negros, detentores de cargos nos aparelhos jurídicos repressivos e que não se aliavam à causa abolicionista. O termo “irmão” mostra elementos identitários do eu lírico com as pessoas negras, mesmo as com classes sociais diferentes. Ao chamá-los de traidores revela-se, de maneira subliminar, desejo de união dos negros em prol da luta abolicionista, vista como uma luta de todos os negros, e não só dos escravizados. As características identitárias do poeta com outros negros podem envolver variados aspectos, como a própria cor da pele, o preconceito histórico independente da classe social e até mesmo as raízes culturais africanas reprimidas de múltiplas formas.

No *website* Famílias Cearenses, onde estão disponibilizadas as árvores genealógicas de algumas famílias do Estado do Ceará, há menção ao advogado rábula, Antônio Nogueira de Carvalho, que vivenciou muitos matrimônios, como pai de Barbosa de Freitas. O *website* traz a informação do estado civil da mãe do poeta, Dona Maria Barbosa da Silva, como solteira. Em virtude disso nas certidões do poeta constam apenas o nome materno. Nesse mesmo endereço eletrônico é informado a ligação de Barbosa de Freitas e toda a sua ascendência ao sítio Lameirão. Sobre a mudança do poeta para Fortaleza,

Sabe-se, através de uma nota biográfica, inserida no “Eu e Minhas Poesias” que Antônio Barbosa de Freitas, teve na pessoa do Juiz Municipal de Jardim, Bacharel Antônio Augusto de Araújo Lima um tutor e mestre – escola. Adianta mais a citada nota, que o magistrado ao descobrir o talento poético do pequeno discípulo prestou o incentivo devido no curso da aprendizagem e o recomendou ao Juiz de Direito de

Jardim e Milagres, por decreto de 29 de setembro de 1859, Doutor Américo Militão de Freitas Guimarães, que o conduziu à cidade da Fortaleza (LIMA, 2020).

No artigo *Apontamentos para a história do povoamento do Ceará*, de José Militão de (ALBUQUERQUE, 1981) afirma-se a condição de Barbosa de Freitas como filho unilateral (“filho bastardo”) do desembargador Américo Militão de Freitas Guimarães, responsável por conduzir o poeta até Fortaleza. O fato levanta uma série de questões, em relação familiaridade com o desembargador, uma vez que o sobrenome Freitas foi inserido aderido pelo autor depois de sua mudança para a capital. De qualquer forma, pela ausência de informações da relação entre o poeta e o desembargador, após ingressar os estudos no seminário, entende-se, aparentemente, a inexistência entre eles de contato social.

Araújo (2008), com base teórica nos estudos de Antonio Candido, critica dois tipos literários comuns do século XIX, no Brasil, denominados pitorescos. Enquadram-se nesse termo autores como José de Alencar (ARAÚJO, 2008). Tratam-se de autores que escreviam livros em torno de problemas humanos ou individuais, nos quais os personagens existem independentes das peculiaridades da região. Em outros casos, descrevem-se elementos mais ou menos apreendidos dos costumes do homem rústico, porém tende-se a anular o seu aspecto humano, tratando-o como uma peça da paisagem (ARAÚJO, 2008). Machado de Assis postulou a negação pela literatura a doutrinas absolutas, alegando ser o mais importante aspecto de um escritor é possuir sentimentos profundos, tornando-o sujeito do seu espaço temporal e nacional/cultural, independentemente da especificidade (ARAÚJO, 2008).

A impossibilidade de afirmar a identidade étnica do poeta Barbosa de Freitas produz uma grande questão: suas poesias tinham traços da “literatura pitoresca”, por narrar sobre sujeitos como “peças da paisagem nordestina” ou da “paisagem do nordeste daquela época” estando o escritor em uma posição social e em uma realidade distante desses sujeitos?

O Literário dedicou várias poesias para as irmandades abolicionistas de pessoas brancas, como a poesia *Homenagem à Sociedade Cearense Libertadora*, sociedade que publicava no jornal *O Libertador*, mas excluía os negros do próprio movimento. A abolição, para muitos membros dessa Sociedade, era um requisito para o desenvolvimento econômico capitalista brasileiro, como demonstra Caxile:

A sociedade libertadora Perseverança e Porvir foi fundada com o objetivo de alforriar escravos, bem como cuidar dos interesses comerciais e econômicos de seus membros. Seus primeiros sócios fundadores e diretores foram homens ilustres. [...] Os diretores da Perseverança e Porvir foram responsáveis pelo planejamento e criação da Sociedade Cearense Libertadora, instalada e inaugurada no dia 8 de dezembro de 1880 [...].

O Libertador, nas edições que antecederam o dia 25 de março de 1884, sempre se referiu à liberdade enquanto elemento principal para o desenvolvimento das letras,

artes, indústria, lavoura, agricultura e que tais desenvolvimentos somente poderiam ocorrer com o fim da escravidão. A abolição permitiria a nação crescer e ser tão forte política e economicamente quanto alguns países do velho mundo, dentre eles, França e Inglaterra (CAXIELE; GUEDES, 2018, p. 78 e 85).

Por ser amigo do comerciante João Cordeira, financiador da publicação do seu livro, *A Epopeia do Famoso João dos Santos*, Barbosa de Freitas filiou-se ao Partido Liberal, a atitude rendeu-lhe muitos inimigos, escravocratas capazes de o perseguir e difamar (RAMOS, 1983). Suas poesias, carregadas de críticas sociais veladas chegavam a serem recitadas em reuniões de grupos abastados em contrariedade aos organizadores dos eventos:

(...) nos conta o escritor J. W. Ribeiro Ramos um fato real que foi narrado por testemunha ocular, por sinal amigo e grande admirador de Barbosa de Freitas,...). A história ouvida: em presença de numeroso público, inaugurava o presidente da Província Dr. José Júlio de Albuquerque Barros (que seria agradecido com o título de Barão de Sobral e foi também presidente da Província do Rio Grande do Sul), em Canafistula, a 13 de junho de 1880, a Colônia Orfanológica Cristina, e cercado a mais alta autoridade provincial figuras representativas da sociedade da época. Iniciada a solenidade, falam vários oradores, entre aplausos. Presente e em lastimável embriaguez, Barbosa de Freitas pede a palavra, ante ao espanto de muitos figurões que o não conheciam e, naturalmente, para a contrariedade dos organizadores da festa. Cambaleante – diz J. W. Ribeiro Ramos - , Barbosa de Freitas enfrentou o auditorio e improvisou:

Amigos, erguemos todos
Um "bravo!" que voe ao céu!
Pois que nas aras da pátria
A caridade se ergueu.
Sim, que aos pobres desvalidos
Filhos dos homens caídos
Da erupção, no furor,
- Rosas fecundas, perdidas,
São n' estante colhidas
Pela mão de um professor (...) (RAMOS, 1983 p 86-87).

Na cerimônia retratada acima evidencia-se o alcoolismo do poeta, responsável pelos seus problemas de saúde, inclusive fator facilitador da contaminação pela tuberculose, doença pandêmica no mundo naquela época. O fragmento da poesia pronunciada no evento de inauguração da Colônia Orfanológica talvez seja parte da memória subterrânea do poeta em auto reflexão de sua própria condição de abandono por parte paterna.

Embora a possibilidade do literário ter construído uma literatura pitoresca é quase quase nula. O mais provável é que Freitas se enquadrava em algumas das categorias de mestiço que se diferenciavam dos sujeitos naquela época. Tendo em vista, segundo Cortez (2008), a grande missigenação e condições de trabalhos semelhantes entre escravos e trabalhadores livres pobres dentro dos denominados sítios (local de nascimento do poeta na região do Cariri), a condição de liberdade simbolizava um valor de status mais elevado e de condições de vida, teoricamente, um pouco melhores. Contudo, grande parte desses trabalhadores pobres livres viviam e trabalhavam nesses sítios eram ex-escravos ou

descendentes de escravos, e através do sentimentalismo paternalista dos escravocratas, eram mantidos submissos ao trabalho compulsório, utilizando uma lógica familiar paternalista (“afeto” e medo) para exercer tal dominação. Porém, como o método deixava as relações cada vez mais informais, cativos e trabalhadores pobres utilizavam certas brechas desse sistema cultural como método de exercerem sua resistência (CORTEZ, 2008).

Considerando todas as poesias presentes do livro supracitado para elaboração do trabalho, e representações sobre a sua mãe ou inspirados nela, de maneiras diretas e indiretas, através, geralmente, da representação de uma figura divina feminina formadora e heróica da nação brasileira. Muitas vezes, Freitas também adjetiva essa figura feminina como uma criança, como forma de representar a sua pureza espiritual. Tais poesias trazem, de maneira peculiar e sentimentalista, críticas sociais ao papel da mulher negra, indígena ou missigenada no Brasil daquela época. O poeta, de sexo masculino, vivido num período extremamente machista, consegue denunciar o abuso dos homens sobre as mulheres, valorizando a força feminina e demonstrando orgulho de suas raízes maternas. Exemplo disso segue nos seguintes versos da poesia *Marieta*, escrita em 1882:

Quem és tu, criança?
Que arrebatas a multidão!?
Quem és tu anjo selestes
Que nos vai ao coração!
- És a rainha das artes
Perpassas aos Bonapartes
A glória dando a um país:
- És a Joana d'Arc guerreira
Que nunca dobra a cerviz
(...)
Marieta, este teu gênio
Das madrugadas tem luz...
És pura como os anjinhos,
És meiga como Jesus!
És portanto, és soberana,
Águia ingente americana
Que nunca soube tombar...
- As águias voam no espaço,
Caem de Deus no regaço,
Onde se vão abrigar? (FREITAS, 2004, p. 138-139).

Para mostrar a força da entidade feminina, Barbosa Freitas se vale da figura de Joana d'Arc, que marcou a história ao promover grandes feitos na Guerra dos Cem anos, fato decisivo para a vitória francesa e para a formação da França como nação.. Personagem icônica da história, Freitas faz de Joana d'Arc a simbologizado matriarcado brasileiro. “Marieta” é outro nome ligado ao universo feminino que o escritor se utiliza para homenagear Maria, mãe de Jesus, em sua forma diminutiva, bastante utilizada nos escritos franceses, como

demonstração de afeto, além de possuir o sentido de “Senhora Soberana”. Essa simbologia aparece na poesia *Drama do Oceano* de Freitas, que enaltece a força da mulher como mãe, por enfrentar as dificuldades na criação dos filhos e por ser vítima das imposições sociais. Escrita em 1877, a poesia revela o sentimento do literário de abominação da miscigenação forçada e do apresamento de cativas:

(...)
Um grito se ouviu nas trevas...
Logo após outro se ouviu;
Um relampago vermelho
Por entre as trevas sorriu...
Esses gritos que ouvia
Lá do barco que fugia,
Eram de uma cotovia
Que um gavião engoliu!...

De cotovia?!... mentira!...
Eram virgens, meu Deus!
- eram pombas inermes
Que fugiam de judeus.
Eram filhas d’orfandade
Fugindo da tempestade
Que um algoz sem piedade
Fazia tragar labéus

- Quem era o chefe dos gados?
- Alcofarado, - o falaz,
Era este monstro horrível
O lobo medonho – audaz?
Repeti pobres donzelas,
Vós que já fostes estrelas
- Quem vós que fez tão amarelas!?
- Uns filhos de Satanás!...

(...)
Andrada! acorda! marchamos!
Ao criminoso – um grillhão!...
As panteras dê-se – jaulas
Para os monstros – maldição!...
Justiça! vamos ! é tarde...
Se solteres o cobarde
Verás um vulcão que arde
Chamado – Revolução!... (FREITAS, 2004, p. 26-27).

Além de ser uma crítica à miscigenação forçada, a poesia acima possui uma ampla representação da vida dos segmentos menos abastados, trazendo uma variedade de significados, dos quais se “entrelaçam” e revelam o cotidiano e a resistência das populações cativas desse período. O “sequestro” da donzela, do qual Freitas menciona, é uma denúncia ao tráfico interprovincial de escravos para o Sudeste Cafeeiro. Fato que significava para os escravos, a separação dos entes familiares e amigos. O termo “Revolução”, empregado no último trecho da poesia revela a mentalidade do poeta acerca da luta abolicionista, supondo-se o desejo do fim das bases das relações sociais repressoras. O aspecto solidário à causa emancipatória do escravo aparece em quase todas as suas obras reforçando claramente seu

intesse na luta pela mudança social que, para o autor, não se daria apenas pela via econômica que a abolição promovia.

Outro aspecto interessante da literatura de Freitas é o fato de mesmo ao falar sobre problemas sociais femininos, ele não constitui um discurso que objetiva concretizar os sentimentos das mulheres de modo preciso e proposital, como nas literaturas positivistas. O discurso do poeta ressalta a violência do sistema escravista em sua vida e a das pessoas amadas, claramente, observa-se esse fato em *Angústia*, uma vez que o eu lírico assume discurso de modo compreensivo e, talvez, dotado de compaixão em relação as reflexões como filho, na busca de uma compreensão dos sentimentos de sua mãe naquela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As poesias de Barbosa de Freitas, relacionadas aos contextos históricos regionais e nacionais antecederam a abolição da escravidão, descrevendo a realidade vivida pela população escrava no Ceará entre 1860 a 1883, período vivenciado pelo escritor. Considerou-se a realidade biográfica e a visão de mundo do poeta como parte da grande composição social marginalizada do Ceará nesse período. As poesias de Freitas possuem expressividade e um nível de domínio gramatical, enaltecido por muitos críticos literários como Sanzio (2004) e Campos (1976), apesar de algumas falhas na escrita, decorrente, sobretudo, da falta de oportunidades para cultivá-la formalmente.

O objetivo deste artigo foi evidenciar a importância do poeta Barbosa de Freitas e a sua contribuição, por meio de suas poesias, nas narrativas pró-abolição na luta da população negra contra o racismo e exclusão social.

A poesia destacada narra a fuga de uma escrava e o pedido de abrigo contra os alcoses proprietários. Segundo Gorender (1990), na década de 1860 e 1870 houve um aumento dos negros recém-libertos ou fugitivos do regime de escravidão, provocado pelo declínio do regime escravocrata na província e pelo aumento de apoio da sociedade cearense à causa abolicionista. A poesia *Angústias* pode ser uma espécie de janela dos sentimentos de quem passou por situações semelhantes à época. Os ideais abolicionistas do poeta podem também se enquadrar ao contexto de disseminação de ideias libertárias européias em Fortaleza, por meio, sobretudo, da imprensa, em plena expansão, tornando os jornais impressos cada vez mais disseminados.

A sua vida marginal e precária foi inspiração para a sua criação. Por meio da poesia *Angústias* e de outras de sua autoria Barbosa de Freitas homenageia sua mãe e, de certa forma, a mestiçagem forçada constituinte da sociedade brasileira.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, José Militão de. Apontamentos Para História do Povoamento do Ceará. 95. ed. **Revista do Instituto do Ceará**, 1981. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1981/1981-ApontamentosHistoriaPovoamentodoCeara.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- ARAÚJO, Humberto. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização invertida. **Revista Letras**, N.74, P. 119-132, jan./ abr.2008. Editora UFPR.
- CAMPOS, Moreira. Falas Acadêmicas. **Revista da ACL**, Coleção Antonio Sales. Cadeira N32 Recipiendário Moreira Campos. P 244-256. Fortaleza, 1976.
- CAXILE, Carlos Rafael Vieira; GUEDES, Mardônio e Silva. **Sociedade Libertadora Cearense: a palavra em ação – O Jornal O Libertador enquanto instrumento de doutrinação moral e social**. Fortaleza: Eduece, 2018.
- CONRAD, Robert. **Os Últimos Anos da Escravatura no Brasil: 1850-1888**; tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; coleção Retratos do Brasil V. 90, p 207 – 222. Abril/1974.
- DIAS JUNIOR, Valter Gomes. **Poesia e Identidade em Castro Alves**. 2010. 217 p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- FREITAS, Antonio Barbosa. **Barbosa de Freitas poesias**. Edições Portaria Dimas Macedo Editor, 2004.
- CORTEZ, A. **Cabras, Caboclos, Negros e Mulatos: A Família Escrava no Cariri Cearense (1850 - 1884)**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2008.
- GORENDER, Jacob. A Revolução Abolicionista. *In A Escravidão Reabilitada..* São Paulo: Ática, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- RAMOS, João Ribeiro. Centenário da Morte de Barbosa de Freitas. **Rev. Inst. do Ceará**, Fortaleza, 97: 84-92p, 1983.
- LIMA, Francisco Augusto de Araújo. **Famílias Cearenses**. 1. ed. Fortaleza: Editora Premium, de 31 ago. 2020. Disponível em: <http://www.familiascearenses.com.br/index.php/2-uncategorised/11-antonio-barbosa-de-freitas>. Acesso em: 31 ago. 2020.

LIMA, Rafael Gomes. Os tipos em fortaleza: uma pequena história da impressão cearense no século XIX. **Oficina do Historiador**, p. 1620-1633, 17 out. 2014.

SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Entre a História e a Literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. **Revista de História e Estudos Culturais**, [s. l.], v. 4, n. 1807-6971, ed. 4, 2007.